

# De Agostinho para Hermogeniano: introdução, tradução e notas à Carta 1.<sup>1</sup>

*From Augustine to Hermogenian: introduction, translation and notes to the Letter 1.*

Fábio da Silva Fortes  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
fabio.fortes@ufjf.br

João Victor de Souza Silva  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
joaovictor.souza@estudante.ufjf.br

## Uma breve introdução à carta

Uma *epistula* pode ser definida como uma mensagem escrita de uma pessoa para outra (remetente — destinatário), devendo ser redigida em um meio tangível, bem como entregue fisicamente; e cujo início e fim apresentem um conjunto limitado de fórmulas comuns de saudação (GIBSON, R. K.; MORRISON, A. D., 2007, p. 3). Na antiguidade, o seu uso não estava restrito a apenas trocas de notícias, mas também poderia tratar-se de cartas com um conteúdo filosófico, como é o caso das *Epistulae morales ad Lucillum*, escritas por Sêneca (4 — 65 d.C.).

Em uma época em que as pessoas não dispunham dos meios de comunicação como temos na atualidade, as cartas representavam uma forma ágil e útil para se transmitir mensagens com aqueles que, fisicamente, encontravam-se distantes; no entanto, embora fosse útil, não se pode desconsiderar as dificuldades de se enviar uma carta, tendo em vista que, na época, só havia o serviço de correio imperial (*cursus publicus*) como um sistema de correspondências organizado, mas que tinha o seu uso restrito ao transporte de documentos oficiais do Império (GUARNIERI, 2016, p. 169), de sorte que, para outros textos, seria necessário confiar em alguém para fazer a entrega das cartas, uma dificuldade que ocasionava, por vezes, o extravio ou adulteração do que fora escrito.

A tamanha importância desse gênero chamou a atenção de rétores gregos, como Demétrio de Falero (ca. 350 — 280 a.C.), que em sua obra *Περὶ ἐρμηνείας* (*De elocutione*, em latim), uma das mais antigas a discutir o gênero *epistolográfico*, dedica-se a expor as características de uma carta, destacando, inclusive, que, por meio dela, mais do que qualquer outro gênero, pode-se conhecer com profundidade o caráter do escritor (*De elocutione*, IV, 227). Ademais, o rétor também apresenta determinadas restrições para a sua composição, como o seu comprimento que, assim como o seu estilo, deve ser regulado com todo esmero, de modo a não começar a se escrever uma carta, mas terminar com um tratado (IV, 228), o que evidencia a preocupação com o gênero já na antiguidade, por se tratar de uma forma comum de comunicação.

Na maturidade, sendo Agostinho já bispo, fazia uso das cartas para se comunicar com Roma. Por meio delas ele tinha conhecimento das decisões que eram assumidas pela Igreja de Roma e também das tratativas

<sup>1</sup> A edição crítica utilizada para a tradução da carta se encontra no *Corpus Christianorum, series latina*, 31, *epistulae I-LV*, editado por K.-D. Daur e publicado pela Brepols.

Recebido em 16 de novembro de 2024. Aceito em 04 de maio de 2025.

dos concílios eclesiásticos, mas também as utilizava para discutir com seus pares sobre divergências relativas à interpretação de passagens do texto bíblico, como era o caso da *Epistula* 28, dirigida a Jerônimo (ca. 347 — 420 d.C.), na qual Agostinho diverge de sua interpretação do texto de *Gálatas* 2:11-14. Essas discussões bíblicas não existem nas cartas escritas em sua juventude, visto que ainda não exercia nenhuma função de autoridade eclesiástica. No entanto, neste período, encontramos cartas que possuem informações pertinentes ao que ele estava a fazer durante essa fase de sua vida, oferecendo, conseqüentemente, contribuições à agustinologia, como é o caso da carta que apresentamos nesta tradução.

A *Epistula ad Hermogianum* é escrita, provavelmente, entre o fim de 386 e início de 387. Neste período, Agostinho estava em seu *otium philosophicum* no *Cassiciacum*, sítio de seu amigo Verecundo, juntamente de familiares, amigos e discípulos. Ele se manteve neste local enquanto se preparava para o batismo cristão que ocorreria após a Vigília Pascal em abril de 387. Assim, nesse ínterim, Agostinho dedicou-se a discutir temáticas das mais variadas com aqueles com quem ele estava, de modo a trazer a lume os chamados *diálogos do Cassiciacum*: *Contra Academicos*, *De beata uita*, *De ordine* e *Soliloquia*; um conjunto de obras que são comumente reconhecidas como as mais filosóficas dentre seus textos — quando equiparadas aos seus tratados filosóficos-teológicos da maturidade (cf. BROWN, 2020 [1967]).

A carta, endereçada a seu amigo Hermogeniano, inicia-se fazendo menção aos Acadêmicos da escola de Platão. No entanto, o início parece ser controverso, pois Agostinho assevera que não tinha a intenção de atacá-los, nem sequer por brincadeira (*Epistula*, 1.1: *Academicos ego ne inter iocandum umquam lacessere auderem*). Contudo, a obra que Agostinho envia a Hermogeniano, com o intuito de receber a sua sincera opinião a respeito do conteúdo do texto, intitula-se *Contra Academicos*. Poder-se-ia apelar para a declaração das *Retractationes*, na qual Agostinho menciona que essa obra também poderia se chamar *De Academicis* (*Retractationes*, 1.1.1: *contra academicos uel de academicis*), mas isso não seria suficiente para explicar as palavras iniciais da *epistula*, tendo em vista que no *Contra Academicos*, Agostinho assume uma posição contrária àquela sustentada pelos Acadêmicos — termo que ele usa para se referir aos filósofos da Academia que eram influenciados pelo método de investigação filosófica de Arcesilau (ca. 315 — 240 a.C.) —, os quais defendiam a impossibilidade de se conhecer a verdade.

Ademais, neste texto, Agostinho faz uso de uma expressão que revela a sua relação com os filósofos da Nova Academia<sup>2</sup> de Platão, quando afirma: *Porém, na época atual... (Hoc autem saeculo...)*. Percebe-se, com a expressão em destaque, que ele tenta instaurar um paralelo entre a Antiga Academia e com o que, *na época atual*, entendia-se como sendo a continuidade dessa escola, isto é, a Nova Academia, que apresenta um posicionamento que não deve ser tolerado. Desse modo, é contra aqueles que se intitulavam de filósofos, mas que não eram, na perspectiva de Agostinho, dignos de *tão venerável nome (quos quidem haud censuerim dignos tam uenerabili nomine)*. Com a incumbência de reconduzir os homens à esperança de se encontrar a verdade, uma esperança que fora extirpada por meio do engenho com as palavras que os Acadêmicos coetâneos possuíam, que Agostinho escreve o *Contra Academicos*.

Ainda assim, a importância dessa carta não reside apenas em acrescentar informações sobre o assunto que é abordado no diálogo *Contra Academicos*. A *Epistula* 1 também nos informa, sobretudo, a respeito do contexto histórico-cultural no qual Agostinho está inserido. Quanto a isso, Agostinho afirma: *O que de fato é mais conveniente para o rebanho do que pensar que a alma é o corpo? (Epistula*, 1.1: *Quid enim conuenientius pecori est quam putari animam corpus esse?*). Era uma concepção popular no pensamento helenístico a compreensão de que a alma era o corpo, possuindo, por conseguinte, uma dimensão física, uma posição que, no pensamento latino, era apoiada por Lucrécio (ca. 99—51 a.C.) — do ponto de vista epicurista.

<sup>2</sup> O chamado “ceticismo acadêmico” floresce com a liderança de Arcesilau (ca. 315 — 241 a.C.) sobre a Academia, o qual assume que dada a inexistência de um critério de verdade decisivo, deve-se, por conseguinte, suspender o juízo a respeito de tudo (MARCONDES, 1994, p. 92). Essa postura cética se estende até Carnéades (ca. 213 — 129 a.C.), que aprofunda ainda mais essa posição na escola platônica, afirmando, por sua vez, a impossibilidade de se ter qualquer certeza a respeito de algo, e inaugurando o que se convencionou chamar de “Nova Academia” (COSTA, 2014, p. 43).

Os estoicos, *exempli gratia*, também entendiam que a alma é um corpo — pois apenas um corpo pode afetar outro — e cujo material do qual é feito, chama-se de πνεῦμα, sendo extremamente fino e tensionado, e por ser um tipo certo de arranjo e tensão, torna-se capaz de conhecer a realidade (DINUCCI, 2023, p. 49). Com a ideia de uma dimensão física da alma, os epicuristas concordavam, visto que, se alma é entendida como que impulsionando os membros do corpo e nos despertando do sono, e nada disso seria possível sem o toque que, por sua vez, não pode ocorrer sem a matéria, disso, segue-se que a alma é de natureza material (SHIELDS, 2018, p. 35-47). Até mesmo Cícero estava inclinado a cogitar a possibilidade de que a alma fosse constituída de ar ou de fogo (*Tusculanae Disputationes*, I, 16, 40). Ainda assim, essa não era uma visão compartilhada apenas entre os filósofos da época, pelo contrário, essa perspectiva estava inserida até mesmo no contexto cristão, de modo que Tertuliano (ca. 160 — 240 d.C.), em seu *De anima* (22, 2, grifo nosso: *Definimus animam dei flatu natam, immortalem, corporalem, effigiatam, substantia simplicem...*), imbuído em seu antiplatonismo, posicionava-se como um defensor da tese de que a alma era corpórea, embora também a considere imortal.

Contra esses posicionamentos, que faziam parte do contexto histórico-cultural, a que Agostinho tem que se opor, com vistas a fazer prevalecer sua concepção platônica da alma como sendo imaterial, o que pode ser visto em suas obras *De quantitate animae* (387/8) e *De anima et eius origine* (419), nas quais elabora argumentos com o propósito de negar a natureza corpórea da alma. Esse assunto, que é de grande importância para Agostinho, não deixa de se relacionar com o seu diálogo *Contra Academicos*, no qual, em seu final, Agostinho sugere que o motivo pelo qual os Acadêmicos negaram a possibilidade do conhecimento da verdade, devia-se ao fato de que

Zenão se lisonjeava de uma doutrina sua sobre o mundo e principalmente sobre a alma, tema que mantém sempre vigilante a verdadeira filosofia, dizendo que a alma é mortal e que não há nada fora deste mundo sensível e que tudo nele é obra do corpo (pois achava que o próprio deus era fogo), Arcesilau, a meu ver [Agostinho], com muita prudência e utilidade, ao ver aquele mal espalhar-se largamente, ocultou completamente a doutrina da Academia, enterrando-a como ouro para que alguma vez a descobrissem os pósteros. Por isso, como a multidão é propensa a cair em opiniões falsas e o hábito das coisas corporais leva facilmente, mas não sem perigo, a crer que tudo é corporal, aquele homem tão penetrante e culto decidiu antes desconstruir aqueles que via estarem mal instruídos que instruir os que não julgava capaz de aprender. Daqui provêm todas essas teorias que se atribuem à Nova Academia e das quais os antigos não tinham necessidade. (*Contra Academicos*, III, 17, 38, CCSL 29, 3 [l. 46-59])<sup>3</sup>

Com respeito a esse julgamento sobre um suposto motivo dos Acadêmicos terem ocultado a verdade, Agostinho solicita a Hermogeniano uma sincera avaliação. Para Agostinho, foi com a necessidade de se evitar que as doutrinas platônicas fossem corrompidas por toda sorte de pessoas que mal a compreendiam, que Arcesilau passou a ocultá-la, relegando-a aos poucos. Tendo sido esse um método útil, Agostinho parece entender que, com o passar do tempo, esse posicionamento se tornou problemático, porque, na posteridade, passaram a compreender que de fato a verdade é inalcançável, de modo a não ser mais importante buscá-la. Desse modo, com esta carta, não apenas vislumbramos as dificuldades que Agostinho enfrentava concernentes às escolas filosóficas que estavam em voga em sua época, mas também podemos compreender, em certa medida, sua preocupação com sua própria obra, que representa o esforço por ele engendrado de afastar do pensamento os “odiosíssimos laços” (*odiosissimum retinaculum*) que poderiam levar o homem a abandonar a busca pela verdade.

<sup>3</sup> Cf. Tradução de Agostinho Belmonte 2019 [2008]: *Quam ob rem cum Zeno sua quadam de mundo, et maxime de anima, propter quam uera philosophia uigilat, sententia delectaretur, dicens eam esse mortalem, nec quidquam esse praeter hunc sensibilem mundum, nihilque in eo agi, nisi corpore; nam et Deum ipsum ignem putabat: prudentissime atque utilissime mihi uidetur Archesilas, cum illud late serperet malum, occultasse penitus Academiae sententiam, et quasi aurum inueniendum quandoque posteris obruisse. Quare cum in falsas opiniones ruere turba sit pronior, et consuetudine corporum omnia esse corporea facillime, sed noxie credatur; instituit uir acutissimus atque humanissimus, dedocere potius quos patiebatur male doctos quam docere quos dociles non arbitrabatur. Inde illa omnia nata sunt quae nouae Academiae tribuuntur, quia eorum necessitatem ueteres non habebant.*

## DE AGOSTINHO PARA HERMOGENIANO

a. 386/387

1. Eu nunca ousaria atacar os Acadêmicos, nem sequer por brincadeira, a menos que eu pensasse que eles tinham uma reputação muito diferente da que se acreditava popularmente. De fato, quando é que eu não me deixaria impressionar pela autoridade de homens tão importantes? Por isso, mais os imitei, de acordo com as minhas capacidades, do que os venci, algo de que, certamente, não sou capaz. Com efeito, parece-me que estava bem de acordo com os tempos a ideia de que, se algo sincero flui da fonte platônica entre os arbustos sombrios e espinhosos, ele deve, de preferência, ser levado à posse de pouquíssimas pessoas, para não deixar de ser claro e puro, caso ele jorrasse de uma fonte aberta, com o rebanho se lançando de um lado para o outro<sup>4</sup>. O que de fato é mais conveniente para o rebanho do que pensar que a alma é o corpo?<sup>5</sup> Contrariamente a tais homens, penso eu que a arte e o método de ocultar a verdade foram concebidos com proveito. Porém, na época atual, já não vemos nenhum filósofo — exceto, talvez, os que se apresentam adornados com um manto, os quais eu não consideraria dignos de tão venerável nome<sup>6</sup>. Em razão disso, julgo que devemos trazer de volta à esperança de reencontrar a verdade, aqueles que o pensamento dos Acadêmicos, através do engenho com as palavras, afastou da compreensão das coisas, a fim de que aquilo que pelo tempo tornou-se um consenso e que deveria ter seus altíssimos erros corrigidos, não comece agora a se tornar um impedimento para se cultivar o saber.

2. Decerto, naquela época, a dedicação às diversas escolas filosóficas era feita com tanto ardor, que nada havia a temer, senão a aprovação do falso. No entanto, cada um era levado por aqueles argumentos a se afastar do que acreditava ser firme e inabalável, tanto buscando outra coisa com mais persistência e cautela, quanto apresentando maior empenho nos procedimentos e percebendo estar oculta uma verdade muito elevada e imbricada na natureza das coisas e do pensamento. Evita-se tanto o esforço, e se negligenciam tanto as boas artes atualmente, que os filósofos, mesmo os mais argutos, julgam nada poder ser apreendido pela visão, renunciando à própria mente, abandonam-na para sempre. Os que estão mais despertos, de fato, não ousam acreditar neles, que, com tanto estudo, tanto engenho, tanto tempo livre, com tantos e tantos ensinamentos, e, ainda, com uma vida longuíssima, julgariam que Carnéades<sup>7</sup> nada pôde descobrir. Se verdadeiramente, além disso, aqueles que muito se esforçam, opondo-se à preguiça, tivessem lido estes próprios livros, pelos quais o conhecimento recusado à natureza humana é quase que demonstrado, estariam adormecidos em tão grande torpor que não despertariam nem com a trombeta celeste<sup>8</sup>.

3. Portanto, como tenho o teu julgamento mais favorável e sincero dos meus livros, depositarei em ti tanta importância, que nem o erro poderá afetar a tua sabedoria, nem a amizade fingida; rogo-te que consideres

<sup>4</sup> Com a intenção de se evitar que o pensamento platônico fosse corrompido e mal compreendido, Agostinho reconhece que os sucessores da Academia preferiram esconder as doutrinas platônicas, fazendo-as conhecidas por pouquíssimas pessoas, o que, segundo seu julgamento, foi de grande utilidade (*Contra Academicos*, III, 17, 38).

<sup>5</sup> Trata-se de uma referência àquelas escolas filosóficas materialistas que mais exerceram influência até a época de Agostinho, difundindo no pensamento latino a concepção corpórea da alma, portanto, material e extensa. Contra essa posição de que é mais conveniente (*conuenientius*) pensar que a alma é o corpo, aponta Tyler (1920) que, na realidade, ao se analisar as diversas culturas da humanidade, percebe-se que a distinção entre alma e corpo é um pensamento que possui suas raízes no animismo, na pré-história, que por ter um alto grau intuitivo, por razões que ele explica como estando relacionadas aos sonhos etc., faz com que essa concepção de corpo e alma, como separadas, tenha se tornado comum na antiguidade.

<sup>6</sup> Provavelmente Agostinho está fazendo alusão aos filósofos cínicos, os quais ele acusa ainda existirem por causa de certa liberdade e permissividade que tal escola oferece (*Contra Academicos*, III, 19, 42: *quia eos uitae quaedam delectat libertas atque licentia*).

<sup>7</sup> Carnéades (214/213—129/128 a.C.) foi um filósofo grego conhecido por fundar a Nova ou Terceira Academia, desenvolvendo uma forma de probabilismo.

<sup>8</sup> Possivelmente é uma alusão ao dia do Juízo Final, onde Deus irá julgar os vivos e os mortos. O som da trombeta celestial indica o início desse julgamento na teologia cristã. Cf. *Apocalipse* 21:11—21:8.

isto o mais cuidadosamente e que me respondas, se tu aprovas aquilo que, no final do terceiro livro<sup>9</sup>, como considero, talvez fosse mais digno de suspeitas do que certo, porém mais útil, e, como eu suponha, mais devendo-se acreditar, do que sendo implausível. Na verdade, do modo como estão estas cartas, não me agrada tanto, como escreves, que eu tenha triunfado sobre os Acadêmicos<sup>10</sup> — de fato escreves isto talvez mais por afeto do que com verdade — do que pelo fato de ter destruído a rede mais odiosa, pela qual eu me afastava do seio da filosofia<sup>11</sup> pelo desespero da verdade, o qual é o alimento da alma.

## HERMOGENIANO AVGVSTINVS

1. Academicos ego ne inter iocandum umquam lacescere auderem — quando enim me tantorum uirorum non moueret auctoritas? —, nisi eos putarem longe in alia quam uulgo creditum est fuisse sententia. Quare potius eos imitatus sum quantum ualui, quam expugnaui quod omnino non uale. Videtur enim mihi satis congruisse temporibus, ut si quid sincerum de fonte Platonico fluere inter umbrosa et spinosa dumeta, potius in possessionem paucissimorum hominum duceretur, quam per aperta o manans irruentibus passim pecoribus nullo modo posset liquidum purumque seruari. Quid enim conuenientius pecori est quam putari animam corpus esse? Contra huiusmodi homines opinor ego illam utiliter excogitatam *occultandi* ueri artem atque rationem. Hoc | autem saeculo, cum iam nullos uideamus philosophos nisi forte amiculo corporis, quos quidem haud censuerim dignos tam uenerabili nomine, reducendi mihi uidentur homines, si quos Academicorum per uerborum ingenium a rerum comprehensione terruit sententia, in spem reperiendae ueritatis, ne id quod | eradicandis altissimis erroribus pro tempore accomodatum fuit, iam incipiat inserendae scientiae impedimento esse.

2. Tantum enim tunc uariarum sectarum studia flagrabant, ut nihil metuendum esset nisi falsi approbatio. Pulsus autem quisque illis argumentis ab eo quod se firmum et inconcussum tenere crediderat, tanto constantius atque cautius aliud quaerebat, quanto et in moribus erat maior industria, et in natura rerum atque animorum altissima et implicatissima latere ueritas sentiebatur. Tanta porro nunc fuga laboris et incuria bonarum artium, ut simulatque sonuerit acutissimis philosophis esse uisum nihil posse comprehendere, dimittant mentes et in aeternum obducant. Non enim audent uiuaciores se illis credere, ut sibi appareat quod tanto studio ingenio otio tam denique multa multiplicique doctrina, postremo uita etiam longissima Carneades inuenire non potuit. Si uero etiam aliquantum obnitentes aduersus pigritiam legerint eosdem libros, quibus quasi ostenditur naturae humanae denegata perceptio, tanto torpore indormiscunt, ut nec caelesti tuba euigilent.

3. Quamobrem cum gratissimum habeam fidele iudicium tuum de libellis meis tantumque in te momenti ponam, ut nec error | in tua prudentia nec in amicitia simulatio cadere possit, illud magis peto diligentius consideres mihi que rescribas, utrum approbes quod in extremo tertii libri suspiciosius fortasse quam certius, utilius tamen, ut arbitrar, quam incredibilius putauit credendum. Equidem quomodo se habent illae litterae, non tam me delectat, ut scribis, quod Academicos uicerim — scribis enim hoc amantius forte quam uerius — quam quod mihi abruperim odiosissimum retinaculum, quo a philo | sophiae ubere desperatione ueri, quod est animi pabulum, refrenabar.

<sup>9</sup>No final do terceiro livro (leia-se *Contra Academicos*) Agostinho faz uma exposição dos motivos históricos do ocultamento da verdade pelos Acadêmicos, apresentando, por sua vez, a história da Academia de Platão desde os seus primórdios. É a respeito de tudo que lá fora dito que ele solicita a análise de Hermogeniano, esperando, assim, receber a sua avaliação. Cf. *Contra Academicos*, III, 17-19, 37-42.

<sup>10</sup>*Contra Academicos* divide-se em três livros, tendo sido escritos e enviados separadamente, como pode ser observado nos dois prólogos do texto (*Contra Academicos*, I, 1-4; II, 1-3, 1-9). Desse modo, pode-se supor que Agostinho tenha enviado os livros anteriores para Hermogeniano conforme os concluía, com a intenção de receber suas opiniões. No entanto, a partir dessa carta, fica evidente que Agostinho não gostou dos comentários feitos por Hermogeniano anteriormente aos seus dois primeiros livros, de modo que, no atual momento, solicita novamente suas opiniões, mas sobre o final do terceiro livro, no entanto, pede que Hermogeniano não permita se deixar levar pela amizade, mas sim pela verdade.

<sup>11</sup>Essa é a mesma imagem que Agostinho apresenta a Romaniano, seu patrono, sobre a filosofia, sendo esta a responsável por nutrir o homem e levá-lo à verdade. Cf. *Contra Academicos*, I, 1, 3: *in philosophiae gremium confugere*.



## Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, S. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019 [2008].
- AURELIUS AUGUSTINUS. *Contra academicos. De beata uita. De ordine. De magistro. De libero arbitrio*. Cura et studio W. M. Green et K.-D. Daur. Corpus christianorum, series latina, 29. Turnholt: Brepols, 1970.
- AURELIUS AUGUSTINUS. *Epistulae I-LV*. Ed. K.-D. Daur. Corpus christianorum, series latina, 31. Turnholt: Brepols, 2004.
- AURELIUS AUGUSTINUS. *Retractationum libri II*. Ed. A. Mutzenbecher. Corpus christianorum, series latina, 57. Turnholt: Brepols, 1984.
- BROWN, P. *Santo Agostinho, uma biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2020 [1967].
- CÍCERO, M. T. *Discussões Tusculanas* [online]. Edição bilíngue. Tradução de Bruno Fregni Basseto. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- COSTA, R. S. Panorama Histórico-Conceitual do Ceticismo Antigo. *Prometheus - Journal of Philosophy*, v. 7, n. 16, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/2407>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- DEMETRIUS. *On Style*. The greek text of Demetrius De Elocutione. Edited after the Paris Manuscript with introduction, translation, facsimiles, etc. by W. Rhys Roberts. Cambridge: At the University Press, 1902.
- DINUCCI, A. *Manual de Estoicismo*. A visão estoica do mundo. São Paulo: Editora Auster, 2023.
- GIBSON, R. K.; MORRISON, A. D. (Eds.). *Ancient Letters: Classical & Late Antique Epistolography*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GUARNIERI, F. M. *A correspondência entre São Jerônimo e Santo Agostinho: tradução e estudo* (edição bilíngue). 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MARCONDES, D. O Ceticismo antigo: Pirronismo e Nova Academia. *Revista de Ciências Humanas*, v. 11, n. 15, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/23817>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- SHIELDS, C. Theories of Mind in the Hellenistic Period. In: MARMODORO, A.; CARTWRIGHT, S. (Eds.). *A history of mind and body in late antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- TERTULLIANI. *De anima*. Edited by J. H. Waszink. Leiden-Boston: Brill, 2010.
- TYLOR, E. B. *Primitive Culture*. Researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom. Volume 2. London: John Murray, Albermarle Street, W., 1920.